

A NEGAÇÃO SENTENCIAL E O EFEITO DE BLOQUEIO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Lílian Teixeira de Sousa¹

RESUMO: O Português Brasileiro (PB), como já bastante conhecido na literatura linguística, apresenta uma alternância entre estruturas negativas – [NEG VP], [NEG VP NEG] e [VP NEG]. Essa alternância de formas é bastante rara nas línguas naturais, sendo mais frequente a existência de suas formas: uma neutra e outra enfática. Neste estudo, busca-se apontar uma possível origem das estruturas não padrão – [VP NEG] e, especialmente, [NEG VP NEG] – no PB, considerando as especificidades interpretativas dessas estruturas no período sincrônico da língua. A hipótese investigada é de que teria havido em período anterior da língua uma competição entre as estruturas [NEG VP] e [NEG VP NEG], resultando na diferenciação funcional dessas estruturas.

PALAVRAS-CHAVE: negação; Português Brasileiro; mudança linguística.

ABSTRACT: Brazilian Portuguese (BP) – as shown in linguistic literature – exhibits alternating negative structures: [NEG VP]; [NEG VP NEG] and [VP NEG]. This alternation is quite rare in natural language; much more frequent is a paradigm of only two structures, one generating a neutral and one an emphatic reading. In this study, I will discuss especially the origin of the two less standard patterns, namely [VP NEG] and [NEG VP NEG], as well as analyses their specific interpretation in BP. The main hypothesis of this work regards the differentiation of the [NEG VP] and [NEG VP NEG] observed in my data as a result of functional competition between the two structures.

KEYWORDS: negation; Brazilian Portuguese; language change.

1. Introdução

Os estudos sobre mudança sintática de Kroch (2001) partem de uma instância quantitativa. Sob o modelo de transmissão imperfeita, o autor assume que a mudança é resultado de uma competição entre gramáticas que influiria na frequência com que certas formas linguísticas são usadas. Segundo afirma Kroch, vários estudos de caso mostraram que a razão de uma mudança em diferentes contextos superficiais reflete uma única mudança paramétrica; esse efeito, conhecido como *efeito de taxa constante*, é o que se espera se um único parâmetro gramatical é envolvido na mudança e a mistura de dois parâmetros opostos está lentamente mudando através do tempo numa dada comunidade de fala. Esse efeito seria

¹ Doutora em Linguística. Professora do Programa de Mestrado em Letras / UNINCOR. Email: liliantsousa@gmail.com.

também o que liga uma mudança paramétrica à competição entre gramáticas, que, por sua vez, estaria relacionada aos dados do *input* da criança durante o período de aquisição. Kroch (1994) defende, ainda, que a variação sintática entre as línguas se dá através de diferenças nas propriedades morfossintáticas de núcleos funcionais. Nessa perspectiva, os núcleos funcionais funcionariam tal como os formativos morfológicos, sendo, portanto, sujeitos ao *efeito de bloqueio*, que exclui dublês morfológicos seja através do desaparecimento de uma das formas, seja através da diferenciação funcional.

Como é bem conhecido, no Português Brasileiro (PB), há, pelo menos, três formas de se expressar a negação sentencial, a saber, dois núcleos Neg – [Neg VP Neg], um núcleo Neg pré-VP – [Neg VP], ou um núcleo Neg pós-VP – [VP Neg]. Se considerarmos que aqui temos um caso de equivalência funcional, teríamos, então, dublês que infringiriam o efeito de bloqueio. No entanto, estudos recentes (CAVALCANTE, 2007, 2012; TEIXEIRA DE SOUSA, 2012; BIBERAUER & CYRINO, 2009; SCHWENTER, 2005) indicam que as três formas de negação sentencial no PB apresentariam diferenças pragmáticas relevantes. A partir disso, podem-se levantar algumas questões: As três formas de negação sentencial no PB teriam, em algum momento, tal como nos dublês morfológicos, tido uma mesma função? A diferenciação de conteúdos pragmáticos seria resultado do efeito de bloqueio?

Considerando essas questões, este estudo tem como objetivo verificar se a diferenciação pragmática das formas de se expressar a negação sentencial no PB pode ser tratada como resultado do efeito de bloqueio. O texto é dividido em duas partes: a primeira, baseada grandemente no trabalho de Alkmim (2001), trata da origem da dupla negativa ([NEG VP NEG]) no PB, enfatizando seu caráter sociolinguístico. Além de descrever os aspectos teórico-sintáticos da negação sentencial.

Na segunda parte do texto, apresentarei o estatuto teórico da competição de gramáticas e dos dublês. Tentarei, em seguida, mostrar que a diferenciação pragmática das negativas sentenciais no PB é resultado do efeito de bloqueio sobre dublês.

2. A Negação sentencial

2.1. Aspectos teóricos

Pollock (1989) propõe que a negação pertence a uma categoria funcional específica denominada NegP. Sua análise parte do trabalho de Emonds (1978) que trata de diferenças de distribuição existentes entre partículas negativas e uma classe específica de advérbios que ocuparia a posição inicial do VP (*often, souvent, etc*). Comparando dados do inglês e do francês, Emonds chega à conclusão de que elementos negativos seriam gerados em adjunção ao VP do mesmo modo que os advérbios *often* e *souvent*. Sua posição pós-verbal seria resultado do alçamento do verbo para o núcleo de IP em orações finitas. Pollock, no entanto, propõe a cisão da categoria IP em TP e AgrP, que carregariam aos traços de *tempo* e de *concordância* em I, e que a categoria NegP interviria entre essas duas projeções.

Com relação aos dados do francês, Pollock observa que a negação é realizada a partir de dois itens de valor negativo, *ne* e *pas*. Segundo o autor, os elementos *ne* e *pas* são, respectivamente, núcleo e especificador da categoria funcional NegP; a ordem desses constituintes seria obtida considerando-se que o núcleo *ne* (clítico) se move para uma posição adjunta a **T** e que, a esse núcleo, também se adjunge o verbo. O especificador *pas* se manteria na sua posição (spec de NegP abaixo de TP); derivando uma sentença como: (1) *Jean ne mange pas des andouettes*.

Já Laka (1990), considerando a negação sentencial em inglês e em basco, associa à categoria NegP uma propriedade paramétrica. Segundo a autora, enquanto no inglês TP seleciona NegP, no Basco, NegP é que selecionaria TP. As evidências dadas pela autora para o Basco são a perda de adjacência entre V-AUX na presença da negação e o fato de essa língua licenciar *itens de polaridade negativa* (NPI's) em posição de sujeito, o que só é possível se Neg for gerada ou se mover para uma posição acima do Spec de TP. Com isso, a autora argumenta que as categorias funcionais exibiriam variação na subcategorização de seus complementos, o que permitiria a existência de dois tipos de ordenação envolvendo TP e NegP: (1) TP seleciona NegP; ou (2) NegP seleciona TP.

Zanutini (1995) também propõe que marcadores de negação ocorreriam numa posição acima de IP, numa categoria denominada PolP (*Polarity Phrase*). A autora, no entanto, faz uma distinção entre marcadores de negação fortes e fracos, em que marcadores fortes seriam

aqueles capazes de negar a sentença independentemente e marcadores fracos aqueles que precisariam de uma outra partícula negativa pós-verbal. A distinção forte/ fraco para os marcadores negativos influiria ainda na posição em que esses aparecem na estrutura sintática, enquanto os marcadores fortes não gerados em PolP, marcadores fracos ocorreriam em adjunção ao núcleo de uma categoria funcional independente.

Em estudo mais recente, Zanuttini (1997) analisa a posição dos marcadores negativos com relação à posição do verbo e de advérbios em TP e AspP, seguindo a hierarquia de advérbios de Cinque. De acordo com a autora, marcadores negativos apresentam propriedades diferentes dependendo da posição em que ocorrem. E, com isso, apresenta evidências de pelo menos quatro posições para marcadores negativos na estrutura sintática:

(2) [_{NegP1} Non [_{TP1} V+Agr [_{NegP2} mica [_{TP2} [_{AdvP} already] [_{NegP3} niente [_{Asp} perf. V past part [_{Asp} gen/progr [_{AdvP} always [_{NegP4} NO]]]]]]]]]]]]

Poletto (2009) retoma o trabalho de Zanuttini (1997) e promove um paralelo entre a distribuição sintática dos tipos de negação e sua origem etimológica, que é uniforme para cada tipo de negação. Com isso, a autora tenta formular a hipótese de uma única projeção funcional NegP como um conjunto complexo de projeções, um “circuito” em que cada posição tem seu próprio valor semântico.

A partir da estrutura proposta por Zanuttini, Poletto cria um paradigma de marcadores negativos. O primeiro marcador negativo, pré-verbal (NegP1), corresponde ao item padrão do italiano *Non*, e é tratado pela autora como marcador negativo escalar. Os itens nessa posição, clíticos em todos os dialetos estudados pela autora, precisam obrigatoriamente da coocorrência de outro marcador negativo. A coocorrência de itens que carregam traços negativos numa mesma sentença sem que o resultado seja uma oração afirmativa é tratada como um fenômeno da Concordância Negativa (ZANUTTINI, 1989; HAEGEMAN & ZANUTTINI 1991). Trataremos desse assunto mais a frente.

Os itens em NegP2 são tratados pela autora como minimizadores, uma vez que em sua origem etimológica todos os elementos indicavam pequena quantidade. Eles são também reduzidos fonologicamente, não como clíticos, mas como pronomes fracos. Esses itens só ocorrem conjuntamente com NegP1, em concordância negativa, em alguns dos dialetos estudados pela autora. Já os elementos em NegP3 aparecem mais baixo que o advérbio

already e mais alto que *always* e são tratados como quantificadores negativos, porque os marcadores negativos são originalmente quantificadores significando *nothing*. Esse tipo de item negativo é compatível com imperativos verdadeiros. Esses elementos também co-ocorrem com NegP1 em concordância negativa.

NegP4 é sempre tônico e tem a mesma forma do marcador negativo que ocorre em sentenças negativas com *pro*. Segundo Poletto (Op. Cit.), esse último tipo de elemento é um Foco negativo. Está sempre localizado à direita no final da oração, nunca sofre concordância negativa com quantificadores negativos e pode ser usado em imperativas.

Com essa distinção e em concordância com o NegP complexo de Pollock (1989), Poletto propõe que NegP tem uma estrutura funcional interna, sendo todos os marcadores negativos parte de um único constituinte:

(3) [NEGP [_{focus/Operator} NO [_{scalarP} non [_{MinQ} mica [_{QP} niente [_{ExistentialP}]]]]

Retomando o tema da Concordância Negativa, entende-se essa como a coocorrência de um marcador negativo e um quantificador negativo numa mesma sentença. Segundo estudos que tratam da negação (JESPERSEN, 1965; ZANUTTINI, 1989; POLLOCK, 1989, HAEGEMAN & ZANUTTINI, 1991), a existência de um mais de um elemento negativo numa mesma sentença ocorre em um número de línguas, como o Flamengo Ocidental e o Francês. Veja alguns exemplos abaixo:

- (4) a) ... Valère niemand nie (en)-kent
Valère ninguém não Neg conhece
(Exemplo de Haegman e Zanuttini, 1991)
- b) Il ne dit rien
Ele Neg disse nada

Nas línguas em (4), o núcleo Neg pode ser nulo ou realizado por um clítico, mas o núcleo Neg sozinho não é capaz de suportar a negação sentencial, sendo necessário a ocorrência de um outro item de valor negativo ocupando o especificador de NegP², assim como ocorre nos dados do italiano. Veja nos dados abaixo:

² No PB, diferentemente, o núcleo Neg, clítico ou não, é perfeitamente capaz de realizar a negação sentencial, dada a gramaticalidade de sentenças como “Eu não viajei nas férias de julho”. No entanto, por não ser relevante para o presente estudo, não tratarei dessa questão aqui.

- (5) a) *... Valère dienen boek en-eet
Valère esse livro Neg tem
b) ... Valère dienen boek nie (en)-eet
Valère esse livro não Neg-tem
(Exemplo de Haegman e Zanuttini, 1991)

- (6) a) * Je ne suis Amélie
Eu Neg sou Amélie
b) Je ne suis pas Amélie
Eu Neg sou não Amélie

Para Poletto, no entanto, uma estrutura como “No la go miga magnada NO” deve ser diferenciada do fenômeno da concordância negativa, que, segundo a autora, ocorreria entre NegP1 e quantificadores negativos, e trata dados desse tipo como dupla negativa³.

Segundo a autora, quando ocorre uma dupla negativa (NegP1 + Negp4), o NO é sempre movido de dentro de NegP para uma posição de foco. Assim, quando No está na posição inicial, a sentença o segue e quando NO está na posição final de sentença, há o movimento de todo o CP para uma posição por ela chamada de GroundP, na área do Tópico mais alto que Foco. Com esse último dado, a cartografia de uma sentença considerando todas as possibilidades de estrutura interna de NegP seria próxima da que se segue:

- (7) [_{Spec} GroundP [IP] [_{Ground°} [CP_{Focus} NO [_{FinP}... [_{ScalarP} [NegP [_{Focus/ Operator} [_{ScalarP} non [_{TP}... [_{MinP} [[_{MinQ} mica [QP [ExistentialP [VP]]]]]]]]]]]]]]

2.2. A Negação no Português Brasileiro

Estudos sobre a negação sentencial no Português do Brasil (PB) identificam três tipos de construções, levando em consideração o número e a posição de partículas negativas na sentença. (SCHWEGLER, 1983; CARENO & PETER, 1994; RONCARATI, 1997; ALKMIM, 2001; RAMOS, 2002; TEIXEIRA DE SOUSA, 2007, 2012). Os três tipos de construções podem ser caracterizados da seguinte forma:

- Neg1 - Uma partícula pré-verbal que configura uma sequência do tipo [Não VP]

³ O termo ‘dupla negativa’ usando nessa tese corresponde ao termo inglês *doubling negation* e não deve ser confundido com *double negation*, termo sem tradução no português que corresponde ao fenômeno oposto ao da concordância negativa, ou seja, no fenômeno de *double negation* dois itens negativos numa mesma sentença se cancelam resultando em uma sentença positiva.

(8) Eu *não* saí.

- Neg2 - Duas partículas, uma na posição pré-verbal e outra na pós-verbal que resulta na sequência [Não VP Não]

(9) Agora *não* entra mais *não*.

- Neg3 - Uma partícula pós-verbal que apresenta a sequência [VP Não]

(10) Tenho *não*.

Alkmim (2001) realizou estudo diacrônico envolvendo negativas sentenciais canônicas (8) e inovadoras (9) e (10) com o objetivo de verificar um possível perfil de mudança envolvendo as construções negativas. Para tanto, utilizou peças de teatro em quatro recortes temporais: 1ª metade do século XIX (T1), 2ª metade do século XIX (T2), 1ª metade do século XX (T3) e 2ª metade do século XX (T4). Todas as formas da negação foram observadas nos quatro tempos. Conforme os resultados apontaram, houve um aumento na frequência de uso das formas inovadoras seguido pela diminuição da negação canônica ao longo do tempo. Tal fato indica, segundo a autora, um perfil de competição.

Com relação à implementação do processo de mudança, a autora reconhece como fator de suma importância a presença do pronome de tratamento *senhor* nos diálogos em expressões como *não senhor*. Essa expressão denotava um traço de formalidade, mas não de cerimônia. A autora cita, então, Said Ali (1967, p. 98), que diz que na expressão *não, senhor* pronunciava-se o *não* e, depois, “separadamente e decaindo o tom da voz, vinha o termo *senhor*”. Em época anterior, segundo o mesmo autor, “soavam unidamente *sinsenhor, não senhor* como qualquer trissílabo oxítono”. Ainda segundo Said Ali, para quem falava e quem ouvia, *senhor* desempenhava papel de polidez, sendo essa expressão usada “por pessoas educadas para tratar com a que têm por costume dar o familiar *tu* ou *você*”.

Para Alkmim (2001), a diminuição do uso do item *senhor* como pronome de tratamento na expressão *não senhor* foi o que levou ao surgimento da estrutura [Não VP Não]. Para a autora, é possível que o grande uso de *não senhor* estivesse relacionado com a situação de escravidão existente no Brasil dos séculos XVII, XVIII e XIX, como produto da fala do escravo com o senhor, ou do subordinado com o patrão, dos colonizados com o colonizador, em uma sociedade, então, muito hierarquizada. O que indicaria que essas construções eram fortemente subordinadas à marca de formalidade. E, com relação à

afirmação de Said Ali acima apresentada, a autora diz que o papel de sufixo de polidez descrevesse uma alteração manifestada fonologicamente na produção da expressão, tornando-a mais neutra. Essa alteração poderia ter funcionado como uma pressão gramatical responsável pelo início da mudança.

Segundo os dados levantados por Alkmim (2001, p. 224), a queda do pronome de tratamento *senhor* se dá na segunda metade do século XIX, “quando ocorreram no Brasil fatos importantes que levaram a modificações profundas na sociedade: a) em 1850 foi proibido o tráfico internacional de escravos, o que dificultou muito a entrada dos navios negreiros no país e b) em 1888 foi abolida a escravidão no país”.

A autora salienta ainda o número de escravos e de portugueses existentes no Brasil na época em questão. A partir de 1850 a imigração europeia começou a se intensificar, o que levou a um aumento da vida de portugueses de 100 mil por ano nos séculos XVI e XVII a aproximadamente 754.000 no fim do século XIX, enquanto que a imigração da população de africanos deixou de existir. Ou seja, não se tratava mais de uma sociedade em que o número de escravos era superior ao de portugueses. Tal fato teria causado profundas modificações na estrutura social do país, com o surgimento de uma política de *europaização* acompanhada pelo combate de traços coloniais e africanos.

Com relação à transição, observou-se nos dados que, após a queda do pronome de tratamento *senhor*, a pausa (marcada na escrita pela vírgula) manteve-se ainda por um período de tempo. Para Alkmim, no entanto, a implementação da estrutura [Não VP Não] só ocorre quando a pausa cai e o segundo *não* é incorporado à sentença.

Do ponto de vista teórico, a autora aponta como hipótese para o surgimento da dupla negativa um processo de gramaticalização no qual, o segundo *não* da construção, com valor discursivo, sendo um item que não fazia parte da oração, é, posteriormente, a ela incorporado. Uma das evidências encontradas pela autora foi a presença do pronome de tratamento *senhor* em diálogos de peças de teatro da primeira metade do séc. XIX, na expressão *não senhor*, que denotava formalidade. A descrição do processo de mudança envolveria quatro etapas:

1. Uso da expressão “**não, senhor**”, antecedida de vírgula (ou pausa) ao final de orações negativas:
(11) “É não é só isso, **não, senhor**”. (Ex. 193 de Alkmim, 2001)

2. A palavra *senhor* perde o acento e se torna um sufixo de polidez e a expressão soa como um trissílabo oxítono. Cai a vírgula (pausa) entre o *não* e a palavra *senhor*:
(12) “Depois não é, *não senhor*”. (Ex. 178 de Alkmim, Op.cit.)
3. Cai o sufixo de polidez:
(13) “Padre Augusto não veio por caridade, *não*”. (Ex. 179 de Alkmim, Op.cit.)
4. Cai a vírgula que separa o *não* da frase e esse, por se tornar leve e não pode ser mais enunciado isolado, incorpora-se a sentença:
(14) “Não estou puxando a sardinha para o meu lado *não*”. (Ex. 181 de Alkmim, Op.cit.)

3. Gramáticas em competição

Considerando a Teoria Gerativa da Linguagem, Kroch (1989, 2001) analisa a mudança linguística como uma falha na transmissão de traços linguísticos através do tempo. Dessa forma, os erros de aprendizagem seriam o *locus* da mudança linguística. Segundo Kroch (1989, 2001), há dois tipos de erro que levam ao aprendizado incorreto: 1) formas incorretas usadas por adultos aprendizes de 2ª língua em contexto de contato linguístico, e 2) erros cometidos pelas crianças que sobrevivem à correção subjacente ao período de aquisição.

Ainda segundo Kroch (1989, 2001), os erros cometidos por adultos aprendizes de segunda língua que podem influir na marcação de parâmetros e levar à mudança linguística é observado nos casos de substrato, em que aprendizes adultos adquirem uma nova língua imperfeitamente e passam certos traços desse dialeto (estrangeiro para eles) para seus filhos, que são, no entanto, falantes nativos da língua influenciada pela língua estrangeira. Com isso, entendemos que a mudança sintática induzida por contato é devida a uma aquisição imperfeita; nesse caso, no entanto, os aprendizes envolvidos são adultos e não crianças.

Uma vez que os falantes nativos geralmente não fazem uso de traços gramaticais “imperfeitos”, o mais provável é que os traços gramaticais apareçam como efeitos de interferência na aquisição de segunda língua por um adulto. Os efeitos de interferência, segundo o Kroch, apontam para uma abordagem casual de certos tipos de mudança induzida por contato. Se um grupo de adultos aprende uma segunda língua imperfeitamente e se essa segunda língua se torna os dados linguísticos primários para um grupo de crianças com as quais tem maior contato, o processo usual de aquisição de primeira língua pode levar

diretamente à adoção de traços “estrangeiros” na língua nativa das crianças, que vão transmiti-los para outras. O resultado desse fato em comunidades com alta proporção de falantes não nativos é que as crianças podem estar expostas a dados primários altamente relativos, o que pode influenciar em seu aprendizado. Em alguns casos, os erros dos pais não vão ser corrigidos nas gerações subseqüentes resultando numa mudança na língua daquela comunidade.

No que diz respeito à mudança ocorrida fora da situação de contato há bastantes controversas nos estudos de mudança linguística no quadro teórico formal. O raciocínio é o seguinte: se no caso de gramáticas em competição, os parâmetros são mutuamente incompatíveis e depois de marcado, um parâmetro não pode ser revisto, como o aprendiz vai ter evidências nos dados de seu *input* do uso simultâneo dessas formas (incompatíveis)? Considerando que na ausência dessa evidência, o aprendiz vai simplesmente analisar não ambigüidade linguística de acordo com a evidência.

No caso de aquisição de primeira língua, entende-se que a mudança ocorre entre as gerações, quando as crianças aprendem uma construção linguística, ou uma gramática, diferente das dos seus pais sob as bases de um dado primário alterado ao qual eles foram expostos no decorrer do processo de aquisição. A hipótese apresentada é a de que a evidência para a fixação de um dado parâmetro se torna fraca e alguns aprendizes, devido a fatores aleatórios, não seriam expostos a dados suficientes para fixar o parâmetro corretamente. O resultado seria uma população mista na qual alguns falantes teriam a fixação paramétrica antiga e outros, a nova. Nessa população mista, a próxima geração de aprendizes será, em média, menos exposta aos dados necessários para fixar o parâmetro do jeito antigo. Para modelar essa variação, no entanto, é necessário permitir a diglossia sintática entre os falantes individualmente como uma situação normal durante o período de mudança.

Assim, faz-se importante permitir uma descrição dos falantes individuais sob a qual eles têm a propensão para escolher entre suas gramáticas diglósicas numa razão média característica. Essa razão parece caracterizar comunidades de fala inteiras, e é isso que muda ao longo do tempo enquanto uma gramática lentamente substitui a outra. Uma vez que a comunidade se torna diglósica com relação a uma dada fixação paramétrica, todo falante vai aprender ambos os parâmetros. Dessa forma, Kroch (2001) assume que a inversabilidade de um conjunto de parâmetros é somente local. Se o parâmetro está em concordância com o

input da língua, nada vai acontecer; mas se o parâmetro utilizado é diferente do da comunidade, o aprendiz pode marcar o conjunto novamente ou, se ele não for corrigido, utilizar como outra língua. O resultado é um bidialetalismo.

Pode-se, no entanto, pensar no bidialetalismo como linguisticamente instável. Isso porque aparentemente bilíngues coordenados mostram evidências de uma língua dominante sob condições experimentais. Em outras palavras, até mesmo quando as crianças adquirem duas línguas desde bem cedo, a língua aprendida em primeiro ou mais profundamente parece controlar certos traços de processamento linguístico, que pode induzir a uma tendência para preferir aquela língua em uso, o restante das variáveis sendo iguais. Assim, o aprendiz pode ouvir evidências na comunidade de fala mutuamente consistentes para a marcação de parâmetros e aprender ambos. No correr do tempo, um parâmetro marcado vence o outro. A marcação vencedora substitui gradualmente o perdedor na língua de todos os membros da comunidade.

No tipo de situação apresentada, a forma que é reforçada pela comunidade de fala ao redor da criança será normalmente a vencedora. No entanto, desde que as gramáticas incorretas induzidas pelas crianças sejam consistentes com a GU, elas são potencialmente fontes de mudança sob circunstâncias favoráveis.

O efeito de bloqueio (Kroch, 1994), ou seja, o princípio que milita contra a co-presença no vocabulário de uma língua de itens que não diferem no significado, parece ser o que influencia no desaparecimento de uma das formas em casos de gramáticas em competição. Esse efeito pode ser inviolável na aquisição da língua primária pela criança pequena, mas pode claramente ser transposto quando falantes aprendem uma ampla gama de estilos e dialetos sociais no curso da maturação. No entanto, no correr do tempo, a pressão de economia sobre a aquisição parece vencer uma variação sociolinguística na história de formas duplês.

Um outro ponto tratado pelo autor que parece influenciar na mudança durante o período de aquisição diz respeito à aplicação de regras ‘default’. As crianças parecem não esperar pela informação quanto à marcação de uma dada forma ou contexto linguístico e vão direto para a conclusão de que se aplicam regras ‘default’. Talvez a mais interessante propriedade desse comportamento, segundo Kroch, é que leva bastante tempo até que a criança reveja o uso do ‘default’. Haveria um longo período de coexistência de duas formas,

com a forma do adulto substituindo a generalização ‘default’ durante um período de meses ou anos. Esse processo parece muito com uma competição entre gramáticas que ocorre no curso de uma mudança linguística.

Como vimos, o bidialetalismo é instável, uma forma tende a suplantar a outra. Segundo Kroch, as diferenças na taxa de uso de formas em competição surgem por várias razões históricas e estilísticas, e sempre por acaso. Com o passar do tempo, essas flutuações levam a uma de duas opções: 1) Na ausência de uma mudança linguística, uma forma eventualmente desaparece caindo em desuso, justamente devido a uma preferência estilística ou flutuação estatística casual, ou 2) O par se torna estável e ganha diferenciação no significado e propriedades gramaticais.

4. A negação sentencial no PB e o efeito de bloqueio

No trabalho desenvolvido por Alkmim (2001), a autora se refere a um perfil de competição envolvendo a negação canônica no PB e as formas inovadoras no período por ela estudado. No entanto, sincronicamente, percebe-se que as três formas de se expressar a negação sentencial ocorrem concomitantemente em quase todos os dialetos do PB. Essa constatação está presente ainda nos trabalhos desenvolvidos por Schwenter (2005) e Teixeira de Sousa (2011, 2012), os quais tratam de diferenças pragmáticas envolvendo as três construções.

Schwenter (2005) afirma que a negativa dupla é mais enfática que a negativa pré-verbal, uma vez que apresenta peso fonológico extra. E propõe que a dupla negativa e a negativa final são mais sensíveis a propriedades estrutural-funcionais do discurso. Para ele, Neg2 ([Não VP Não]) contém a negação de um discurso antigo ou proposição inferida, que são pelo menos contextualmente ativadas. Ainda de acordo com o autor, Neg2 não é possível em contextos onde a proposição sendo negada é discurso novo e apresenta alguns dados:

- (15) [falante andando pela rua e, de repente, lembra-se que se esqueceu de desligar o fogão]
Nossa! (Eu) *não* desliguei o fogão (#*não*)!

Sobre essa sentença, Schwenter diz que não há nenhuma expectativa de que o falante tenha desligado o fogão e, por isso, Neg2 não seria possível. Dando continuação a sua argumentação, o autor acrescenta que, se à situação em (15) se incorporasse um interlocutor, poderia ser possível recuperar um discurso dado que engatilhasse algum conteúdo proposicional e, dessa forma, tornar o uso de Neg2 possível.

- (16) [mesma situação de (15)]
A: Você desligou o fogão, né?
B: Nossa! *Não* desliguei *não*!

Para o autor, a diferença entre (15) e (16) é que a proposição “B desligou o fogão” tem o *status* de discurso dado no último exemplo, tendo sido previamente mencionado na pergunta de A. No entanto, em Teixeira de Sousa (2012), mostro que a ocorrência de Neg2 não está restrita a contextos de informação dada ou pressuposta, a evidência seria dados em que o conteúdo proposicional sendo negado corresponde a informação nova:

- (17) A: Você sabia que o Juanito foi assaltado?
B: Nossa! Falando do Juanito, eu *não* entreguei o trabalho dele *não*.

- (18) A: Você tá nervosa. O que aconteceu?
B: *Não* tô achando minha carteira *não*.

Também em Teixeira de Sousa (2012), observei que as estruturas Neg2 apresentam restrições em contextos narrativos, onde não há proposição, mas a sucessão de eventos, e em encaixadas temporais em que o Tempo Referencial está vinculado ao Tempo da oração matriz, o que me levou a propor que o *não* final em Neg2 possui a propriedade de vincular independentemente o Tempo Referencial gerando uma leitura de negação de proposições. Com isso, argumentei que a estrutura [NEG VP NEG] funciona como uma negação semântica e se diferencia de estruturas Neg1 ([NEG VP]) apenas com relação a seu escopo. Uma vez que Neg1 não vincula tempo e não apresenta uso discursivo independente, sugerimos que o *não* dessa estrutura tem escopo nuclear gerando uma leitura de negação de situações ou eventos.

Ainda nesse trabalho, argumentei que a distribuição complementar das estruturas Neg2 e Neg3 ([VP NEG]) em certos contextos é perfeitamente explicada se consideramos que

Neg2 corresponde a um ato de asserção, enquanto Neg3 representa um ato de denegação. Isso porque, conforme posto por Rajagopalan (1982), uma distinção importante entre a denegação de uma proposição e a asserção de uma proposição negativa está na noção de crença. Neg2 ocorre, muitas vezes, em contextos pressuposicionais ou inferíveis para corrigir uma crença errada do ouvinte, enquanto Neg3 nega apenas o que é explicitamente assertado no contexto discursivo, como pode ser observado no exemplo abaixo:

- (19) A: Você tava no teatro ontem, não tava?
B: Tava *não*.

O efeito sobre o valor de verdade da sentença no caso de Neg2 serviu de evidência para caracterizá-la como uma asserção negativa em oposição ao caráter de denegação associado a Neg3. Se para estruturas Neg2 não observei distinções em termos de *status* informacional, no caso de estruturas Neg3, apresentei dados que confirmam trabalhos (SCHWENTER, 2005; CAVALCANTE, 2012) que associam essa estrutura ao *status* da informação. Conforme observei, há uma dependência de Neg3 à presença de asserção no contexto imediato de produção da sentença. Dessa forma, propus que essa estrutura corresponde à realização de denegação, sendo possível apenas em contextos responsivos com a função de rejeitar algo que é apresentado como possivelmente verdadeiro. O uso dessa estrutura mostrou que o que é negado não é o valor de verdade, mas a assertabilidade de algo mencionado no discurso.

O que os trabalhos de Schwenter (2005) e Teixeira de Sousa (2011, 2012) demonstram é que as formas de negação sentencial no PB apresentam diferenças de conteúdo proposicional, o que indica, caso tenha havido um período de competição, que houve especialização das formas a diferentes funções: Neg1 funcionando como negação semântica de eventos e Neg2 como negação semântica de proposições. Assim, pode-se dizer que houve a distinção funcional das estruturas.

Tratando mais especificamente da dupla negativa, segundo o trabalho de Alkmim (2001), esse tipo de estrutura tem origem marcadamente sociolinguística, reconhecida através da coocorrência do pronome de tratamento *senhor*, que, de acordo com a autora, denotava formalidade. Essa diferença de registro na origem da dupla negativa está de acordo com a hipótese levantada por Kroch (1994) para a origem de dublês morfológicos. Para esse autor,

os dublês teriam origem sociolinguística: dois termos apareceriam em diferentes registros, estilos ou dialetos sociais, mas para coexistirem, eles precisam se diferenciar no significado, deixando de ser dublês. Os falantes aprenderiam um ou outro no período de aquisição, e mais tarde eles podem ouvir e vir a usar um segmento que não faz parte de sua gramática, mas para eles esse segmento terá o *status* de palavra estrangeira.

No caso de Neg2, poderia se pensar no seguinte processo de implementação: os falantes adultos faziam uso da expressão *não senhor* que denotava formalidade, sendo o pronome de tratamento a principal marca dessa formalidade. No momento em que se perde o pronome *senhor* da expressão, causado, possivelmente, por questões sociais, as crianças, que não têm acesso à gramática do adulto, mas apenas aos dados de *output*⁴, perdem a evidência do caráter puramente discursivo desse segundo *não* da estrutura e passam a interpretá-lo como parte integrante da sentença em sua gramática interna. A diferenciação pragmática entre a negativa simples e a dupla teria ocorrido ainda na aquisição, durante o processo de mudança, por uma questão de economia. Esse seria o efeito de bloqueio sobre as formas.

Para Kroch (1994), a abordagem morfológica analisada tomando-se a variação sintática dentro de uma perspectiva de língua-I é possível em todas as circunstâncias em que propriedades de núcleos determinam o comportamento linguístico. No caso da dupla negativa, considerando-se Poletto (2009), pode-se dizer que houve uma mudança na projeção do núcleo Neg.

Embora eu tenha me referido aqui à estrutura Neg3, como argumentei em Teixeira de Sousa (2012), essa parece ter uma origem diferente e independente de Neg1/2, já que, como observei, esse tipo de estrutura com essa mesma função também está presente no Português Europeu (PE), conforme apontado por Pinto (2010):

- (20) A: Eu telefono-lhe amanhã.
B: Telefonas-lhes amanhã, não! Vais telefonar imediatamente.
- (21) A: Eu sei que tu gostas de cerejas.
B: Gosto de cerejas, não! Adoro cerejas!

⁴ Roberts (2007)

5. Considerações Finais

Neste estudo, busquei apresentar algumas questões com relação à negativa sentencial no PB. Recorrendo a trabalhos anteriores sobre a negação no PB, observei que as estruturas negativas do PB apresentam diferenças de interpretação, o que pode indicar que houve uma competição entre formas; tal competição teria levado à especialização funcional de Neg1 e Neg2, negação de evento e negação de proposição, respectivamente. Se isso está correto, pode-se dizer que o surgimento e a interpretação de Neg2 como negação de proposição têm origem sociolinguística, o que vai ao encontro da hipótese de Kroch (1994), de que questões sociolinguísticas podem estar envolvidas na mudança sintática.

O estudo, no entanto, está baseado na interpretação das estruturas não padrão no PB atual e numa possível etapa de competição, conforme apontado por Alkmim (2001), o que não descarta a importância de uma análise que observe essa especialização funcional diacronicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, M.G.R. de. *As Negativas Sentenciais no Dialeto Mineiro: uma Abordagem Variacionista*, 2001, 260 p. Tese de Doutorado, UFMG.

BIBERAUER, Theresa; CYRINO, Sonia. Appearances are deceptive: Jespersen's Cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance-based Creoles, paper presented at Going Romance 23, University of Nice, Nice, 2009.

CARENO, M.F. & PETER, M.M.T. Observações sobre o uso da estrutura negativa. *Papia*. 3, n.2. 1994, p. 98-102.

CAVALCANTE, Rerisson. A negação pós-verbal no Português Brasileiro: Análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes. Salvador. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, 2007.

CAVALCANTE, Rerisson. Negação anafórica no Português Brasileiro: Negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte. São Paulo. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2012.

CHOMSKY, Noan. On phases, ms. *MIT*, 2005.

CHOMSKY, Noan. Minimalist Inquiries. In.: Martin, R.; Michaels, D & Uriagereka, J. (eds.) *Step by Step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, Mass: MIT press, 2000.

CHOMSKY, Noan. *The Minimalist Program*. The MIT Press: Cambridge, 1995.

CHOMSKY, Noan. *O Conhecimento da Língua: Sua natureza, Origem e Uso*. Ed. Caminho. Coleção Universitária, Série: Linguística, 1986 (Tradução: Anabela Gonçalves e Ana Tereza Alves).

EMONDS, J. The verbal complex V' –V in French. *Linguistic Inquiry*, 9, 1978, p. 151-175.

KROCH, Antony. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language variation and change*, 1, 1989, p.199-244.

KROCH, Antony. Morphosyntactic variation. In.: K. Beals, editor, *Proceedings of thirtieth annual meeting of the Chicago Language society*, v. 2, Chicago Linguistic society, 1994. p. 108-201.

KROCH, Antony. Syntactic Change. In.: BALTIN, M. & COLLINS, C. (eds.) *Handbook of Syntax*. Blackwell, 2001

PINTO, Clara. *Negação metalinguística e estruturas com 'nada' no Português Europeu*. Lisboa. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, 2010.

POLETTI, On negative Doubling. *La negazione: variazione dialettale ed evoluzione diacronica*, 2008.

POLLOCK, J.-Y. Verb movement, Universal Grammar and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20. 1989, p. 365-424.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. Negation and denial. A study in the theory of speech acts. São Paulo. Tese (Doutorado em Linguística) – Puc-SP, 1982.

RAMOS, J.M. A Alternância entre “não” e “num” no Dialeto Mineiro: um caso de mudança linguística. In: Cohen, M.A.A.M. & Ramos, J.M. *Dialeto Mineiro e outras Falas – Estudo de Variação e Mudança Linguística*. BH: Editora da UFMG, 2002. p. 155-167.

ROBERTS, Ian. *Diachronic Syntax*. Orford Press, 2007.

RONCARATI, C.N. A negação no Português falado. In: Macedo, A.T. et al. (Orgs.). *Variação e Discurso*. RJ: Tempo Brasileiro, 1997. p.65-102.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1964.

SCHWEGLER, A. Predicate Negation and word-order change – A problem of multiple causation. *Lingua* 61, 1983. p. 97-334.

SCHWENTER, Scott A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua* 115, 2005. p. 1427-1456.

TEIXEIRA DE SOUSA, LÍlian. *Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no Português Brasileiro*. Tese (doutorado em estudos linguísticos). Campinas: IEL/UNICAMP, 2012.

TEIXEIRA DE SOUSA, LÍlian. Sentential negation in Brazilian Portuguese: Pragmatics and syntax. *JournLipp*, v.1, 2011, p. 89-103.

TEIXEIRA DE SOUSA, LÍlian. Formas reduzidas de itens negativos no Português Brasileiro. Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Fale/UFMG, 2007.

ZANUTTINI, R. *The Structure of Negation Clause in Romance*. Ms. University of Pennsylvania, 1989.

ZANUTTINI, R. *Reflexes of clausal structures in the syntax of negation: a comparative study of romance languages*. Georgetown University, 1995.

ZANUTTINI, R. *Negation and Clausal Structure: A Comparative Study of Romance Languages*. Oxford University Press, New York, 1997.

**Artigo recebido em outubro de 2012.
Artigo aceito em outubro de 2012.**